

DESAFIOS PARA AS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE CARNE BOVINA¹

José Ricardo Gonçalves²
Nicanor Kramer da Luz Neto³

1 - INTRODUÇÃO

O Brasil iniciou sua caminhada de sucesso nas exportações de carne bovina no final da década de 1990, quando era superado ainda pela Austrália e Estados Unidos (GONÇALVES; ALMEIDA, 2003). Pouco a pouco, foi conquistando o mercado internacional e, em 2004, tornou-se o maior exportador mundial de carne bovina (GONÇALVES; TEODORO; CASTRO, 2004).

Apesar do crescimento considerável nas exportações e de se manter na liderança do mercado, o setor tem demonstrado certa fragilidade diante dos recentes acontecimentos econômicos mundiais e das exigências dos principais importadores.

Internamente, os reflexos da febre aftosa ocorrida em 2005, as dificuldades com a implantação do sistema de rastreabilidade, a valorização da moeda brasileira em relação ao dólar e o fortalecimento do mercado interno contribuíram para redimensionar o fluxo dos embarques.

No aspecto geral, o desempenho das exportações brasileiras de carne bovina está relacionado com a redução dos estoques mundiais e a queda de produção dos seus concorrentes. Nos últimos anos, a produção mundial apresentou um declínio por causa da preocupação com a BSE (encefalopatia espongiforme bovina), problemas com a seca, alto custo dos grãos e, mais recentemente, a recessão econômica nos países desenvolvidos. Mas o consumo de carne bovina é um hábito alimentar tradicional da população mundial e dificilmente será substituído por um outro item em curto ou médio prazo.

A partir de informações estatísticas, pretende-se analisar o comportamento das exportações brasileiras de carne bovina nos últimos

anos e elencar as suas principais dificuldades, desafios e oportunidades para manter a liderança do País no mercado internacional.

2 - SITUAÇÃO DA BOVINOCULTURA

O rebanho bovino brasileiro atingiu a quantia de 169,8 milhões de cabeças em 2008 e foi projetado um aumento de 2% para o ano de 2009. O sistema de produção predominante é o extensivo, sendo que 97% dos animais são alimentados em pastagens e o restante em sistemas de confinamento ou semiconfinamento. Do rebanho total, 79% tem aptidão para corte e o restante para a produção de leite. Dentre a população de corte, 87% é formada por zebuínos, europeus e mestiços, e o restante é de cruzamentos industriais. Cerca de 50% do rebanho está concentrado nas regiões Centro-Oeste e Sudeste, assim como a produção de carnes com inspeção sanitária federal, especialmente nos Estados de São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul. A região Norte vem intensificando a atividade pecuária, principalmente em Rondônia, Tocantins e no Pará, mas ainda carece de instalações industriais autorizadas para exportação (ANUALPEC, 2009).

No cenário mundial, a produção de carne bovina, em 2009, foi de 57 milhões de toneladas equivalentes carcaça, queda de 1,7% em relação ao ano anterior. Os Estados Unidos são, destacadamente, os maiores produtores mundiais. Em segundo lugar vem o Brasil, seguido pela União Europeia e, ambos, com larga vantagem sobre a China e Argentina (Tabela 1). No período de 2005 a 2009, a produção brasileira apresentou um crescimento contínuo, com exceção da queda em 2008. Mas, em 2009, há sinais de recuperação, diferentemente dos principais países produtores.

Para 2010, supondo que o Brasil mantenha a produção de 2009, as projeções mundiais indicam uma redução de 3% na produção de carne bovina, enquanto o consumo deverá se manter estável ou ligeiramente inferior ao de 2009 (ABIEC, 2010a).

¹Registrado no CCTC, IE-67/2010.

²Engenheiro Químico, Doutor, Pesquisador Científico do Instituto de Tecnologia de Alimentos (e-mail: jricardo@ital.sp.gov.br).

³Médico Veterinário (e-mail: nneto-vet@hotmail.com).

TABELA 1 - Principais Produtores Mundiais de Carne Bovina, 2009 (em 1.000 t equivalente carcaça)

Ano	Estados Unidos	Brasil	União Europeia ¹	China	Argentina
2005	11.318	8.776	8.090	5.681	3.200
2006	11.980	9.053	8.150	5.767	3.100
2007	12.096	9.297	8.188	6.132	3.300
2008	12.163	9.000	8.090	6.132	3.150
2009	11.816	9.180	8.000	5.764	3.200
2010 ²	11.631	-	7.950	5.530	2.800

¹27 países.

²Projeções.

Fonte: ABIEC (2010a).

3 - EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES NOS ÚLTIMOS ANOS

Embora os registros de febre aftosa em 2005 tenham ocasionado a perda de mercados e restrições às exportações de carne bovina, existem outros fatores que contribuíram para a instabilidade das exportações brasileiras nos últimos anos.

A crise econômica mundial, iniciada em setembro de 2008, reduziu a oferta de créditos e tornou os financiamentos mais caros e escassos. Apesar de a economia brasileira ser considerada relativamente sólida, as exportações brasileiras de carne bovina não ficaram imunes aos seus efeitos. A redução da oferta de créditos causou um impacto no setor produtivo, o qual depende de financiamento para a exportação. Com a desaceleração da economia mundial muitos países utilizaram os seus estoques, reduzindo as importações.

A diminuição da ordem de 6% na oferta de animais para abate em 2008 também contribuiu para a queda das exportações (ANUALPEC, 2009). Este fato, associado à manutenção da moeda nacional forte frente ao dólar e à alta de preços do boi gordo, trouxe a perda de competitividade do produto brasileiro no mercado internacional.

Outro acontecimento ocorrido foi a limitação do número de propriedades fornecedoras de gado exigido pela União Europeia, que causou grande repercussão nas exportações em 2008, pois ela é tradicional importadora de cortes nobres, de preços mais elevados. Esses produtos foram direcionados para outros importadores ou para o mercado interno, mas com menor valor de venda.

Desta forma, o Brasil encerrou o ano de 2008 com embarques de 2,1 milhões de t equivalente carcaça, ou seja, com uma redução de 15% nas exportações de carne bovina, em comparação ao ano anterior (ABIEC, 2010b).

Apesar das dificuldades apresentadas anteriormente, houve uma recuperação parcial dos volumes em 2009, quando foi embarcado 1,9 milhão de t equivalente carcaça para diversos países. Este valor correspondeu a 27% das exportações mundiais, gerando uma receita de US\$4 bilhões para o País. O principal importador foi a Rússia, responsável por 25,4% dos embarques e 23% das receitas. Em conjunto, Rússia, Hong Kong e Irã tiveram participação de 45,4% dos embarques e 46% das receitas (ABIEC, 2010c).

A tabela 2 ilustra a evolução das exportações destinadas aos principais mercados do Brasil nos anos de 2007 a 2009. Observa-se, claramente, a queda generalizada ocorrida em 2008, em comparação com 2007. A Rússia e o Egito, os maiores compradores de carne *in natura*, reduziram seus embarques em 15% e 58%, respectivamente, totalizando a não comercialização de 258,5 mil t equivalente carcaça. A Itália e Países Baixos, compradores tradicionais de cortes nobres, deixaram de importar, em conjunto, 108 mil t equivalente carcaça. Embarques num total de 84 mil t equivalente carcaça não foram concretizados por Estados Unidos e Reino Unido, importantes compradores de carne industrializada.

Surpreendente foi o crescimento das importações do Irã e Hong Kong no período avaliado, mesmo com a elevação do valor unitário do produto, ocorrida em 2008. Em 2009, nota-se uma tendência de recuperação dos embarques a partir de mercados emergentes como a Argélia, Egito, Hong Kong e Irã.

4 - DIFICULDADES E EXIGÊNCIAS A SEREM SUPERADAS

O mercado internacional apresenta barreiras tarifárias e não tarifárias constituídas por países importadores como forma de proteger a sua economia. Geralmente, a modificação desse quadro a favor dos exportadores depende de negociações comerciais e diplomáticas. Comumente, são processos demorados e encontram certa resistência dos importadores, especialmente no

TABELA 2 - Principais Países Importadores de Carne Bovina do Brasil em Volume e Respectivo Valor, 2007-2009

País	2007			2008			2009		
	Volume (T _{ec}) ¹	Valor (US\$1.000)	Unitário (US\$/T _{ec})	Volume (T _{ec})	Valor (US\$1.000)	Unitário (US\$/T _{ec})	Volume (T _{ec})	Valor (US\$1.000)	Unitário (US\$/T _{ec})
Arábia Saudita	65.685	99.315	1.512	57.230	138.759	2.425	47.659	97.185	2.039
Argélia	76.602	106.017	1.384	71.393	165.299	2.315	75.383	142.300	1.888
Egito	271.300	348391	1.284	114.010	236.168	2.071	217.175	118.703	1.830
Estados Unidos	160.162	329.655	2.058	130.518	303.688	2.327	109.903	231.820	2.109
Hong Kong	120.261	201.221	1.673	198.793	488.277	2.456	255.133	612.136	2.399
Irã	90.132	145.228	1.611	119.416	322.836	2.703	130.876	335.352	2.562
Itália	100.352	286.135	2.851	43.372	145.712	3.360	42.293	159.203	3.764
Países Baixos	106.529	353.133	3.315	55.393	169.848	3.066	40.708	126.808	3.115
Reino Unido	189.005	282.004	1.492	134.609	220.786	1.640	117.525	168.163	1.431
Rússia	672.913	1.000.093	1.486	571.667	1.476.203	2.582	488.152	952.812	1.952

¹Tonelada equivalente carcaça.

Fonte: ABIEC (2010c).

caso dos países desenvolvidos.

Segundo Nassar (2004), as barreiras tarifárias estão entre as proteções de fronteiras estabelecidas por políticas agrícolas, cuja finalidade principal é garantir renda para o produtor doméstico. São instrumentos importantes para o controle da oferta e manutenção dos preços, de modo a proporcionar aos produtores um nível satisfatório de competitividade. Porém, isto significa uma dificuldade adicional para os exportadores. Por exemplo, a carne brasileira tem um custo de produção menor que a dos seus concorrentes, mas enfrenta barreira tarifária que pode superar em 150% o valor do produto (RUBIN; ILHA; WAQUIL, 2008). Eventuais situações favoráveis ocorrem quando há queda de produção nos países importadores, ocasião em que eles tendem a eliminar ou reduzir subsídios e tarifas.

Buainain e Batalha (2007) admitem uma tendência para a redução das barreiras tarifárias internacionais, o que poderia beneficiar o Brasil nas exportações de carne bovina em longo prazo. Mas no aspecto não tarifário demonstram certa preocupação, por exemplo, com o sistema de rastreabilidade e o controle sanitário do rebanho. Os autores defendem o princípio da regionalização e a busca por acordos de equivalência sanitária para reagir com maior sustentação jurídica aos embargos do produto no País inteiro. Isto é pertinente por conta do ocorrido em 2004, quando a Rússia suspendeu as importações do Brasil em razão de um foco de aftosa ocorrido no Amazonas, que não produz carne para exporta-

ção. Recomendam, ainda, maior transparência na coleta e sistematização de informações e adesão aos padrões sanitários internacionais.

Bender Filho e Alvin (2008) avaliaram os possíveis impactos das barreiras tarifárias e não tarifárias sobre o mercado da carne bovina brasileira, simulando quatro cenários. Os maiores ganhos ocorrem quando a simulação é feita com a eliminação das barreiras não tarifárias. Isso mostra que somente a eliminação das barreiras tarifárias não é suficiente para impulsionar a produção e a exportação do produto brasileiro. Então, apesar do rígido mecanismo protecionista do mercado, há espaço para o crescimento do Brasil e dos demais países do MERCOSUL, caso obtenham o reconhecimento internacional como área livre de aftosa.

Para tratar especificamente da febre aftosa, o governo brasileiro criou um programa de combate buscando a implantação progressiva e manutenção de zonas livres da doença, conforme as diretrizes da Organização Mundial da Saúde Animal (OIE). Os últimos dados oficiais disponíveis, referentes ao ano de 2008, mostram que a região centro-sul e parte do Norte e Nordeste são consideradas zonas livres com vacinação, restituindo o reconhecimento da área afetada em 2005. A partir de 2007, o Estado de Santa Catarina foi reconhecido internacionalmente como zona livre sem vacinação, mas sua produção de carne bovina não está entre as mais expressivas do País. Segundo relatórios oficiais, a meta para erradicação da doença foi traçada para o ano de 2010 (BRASIL, 2009).

Entretanto, a extensão territorial, a necessidade de entendimento entre os envolvidos no processo e outras dificuldades têm-se tornado componentes de uma meta desafiadora, cujo cumprimento dependerá dos avanços obtidos ao longo do tempo.

Outra exigência considerada peça-chave para a expansão internacional da carne brasileira é o sistema de rastreabilidade. Em 2002, pressionado pela União Europeia, o governo brasileiro instituiu o Sistema Brasileiro de Identificação e Certificação de Origem Bovina e Bubalina (SISBOV). A proposta estabelecia a identificação individual de animais nas propriedades e acompanhamento desde o nascimento até o abate, executada por organizações certificadoras credenciadas pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). A repercussão interna foi tumultuada por causa da pequena participação dos pecuaristas nas discussões prévias e da preocupação com o custo e o retorno financeiro. Sem um consenso, a proposta perdeu credibilidade, em parte pela participação de certificadoras credenciadas com origem em associações de produtores. As falhas do sistema ficaram mais evidentes em 2005, quando ocorreram casos de aftosa no Mato Grosso do Sul e no Paraná, observando-se a ausência de controle ocasionada pela falta de brincos de identificação, contrabando e movimentação de animais entre zonas livres e não livres de aftosa, inconsistências na base nacional de dados, etc. (LIMA et al., 2007). Após vários contratempos e mudanças na legislação, o MAPA, em 2008, editou a Instrução Normativa n. 24, incluindo a responsabilidade dos estados pelas auditorias das propriedades exportadoras para a União Europeia (BRASIL, 2008).

Rodrigues e Nantes (2010) selecionaram três agentes da cadeia produtiva (certificadora, frigorífico e associação de produtores) e levantaram informações sobre as dificuldades encontradas para implantar e dar prosseguimento ao sistema de rastreabilidade, as quais foram resumidas a seguir. A certificadora destacou: que os animais são rastreados apenas quando faltam alguns meses para abate (a rastreabilidade não se completa); que há possibilidade de falhas na inserção de dados na base do SISBOV sem a identificação de quem cometeu o erro (ela é feita por vários agentes da cadeia); e que os produtores rurais não são estimulados a participar do sistema (baixa remuneração oferecida pelos frigoríficos e mudanças constantes nas normas).

Na visão da indústria, as certificadoras não estão capacitadas para realizar o cadastramento e controle do rebanho, os brincos e *bottoms* utilizados não são totalmente confiáveis (podem se perder durante o manejo e transporte dos animais), a maioria dos produtores rurais ainda não entende o significado e a importância da rastreabilidade para a saúde pública e a burocracia governamental onera o sistema e dificulta o contato com as autoridades do MAPA. Por sua vez, os produtores rurais alegam que a maior parte dos benefícios da carne rastreada para exportação fica com o frigorífico, não há incentivos governamentais (como em outros países) e tanto as certificadoras como o MAPA atuam mais como fiscalizadores, auxiliando muito pouco na implantação do processo. É de consenso geral, entre os agentes, a necessidade de melhor capacitação de todo o pessoal envolvido no sistema.

Uma observação feita por Silva e Sato (2008) menciona a centralização de funções exercidas pelo MAPA, o qual é responsável pelo sistema, pela normalização, pelo banco nacional de dados e pelo credenciamento das empresas regionais criadas para atendimento do SISBOV. Os autores propõem a certificação de terceira parte feita por entidades credenciadas pelo Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial (INMETRO), que é o órgão acreditador brasileiro reconhecido internacionalmente. Desta forma, o trabalho seria executado sem vínculos com os interessados, proporcionando maior isenção e independência nas auditorias.

5 - EXPECTATIVAS, PROJEÇÕES E ESTRATÉGIAS

Alguns acontecimentos recentes apontam para horizontes mais favoráveis ao Brasil, como o retorno de antigos importadores de carne bovina *in natura* a partir de 2009.

Dentre eles está o Chile, que voltou a aprovar plantas industriais brasileiras, deixando uma expectativa de retomada da situação pré-aftosa, quando 42 unidades estavam autorizadas a exportar. A África do Sul, que vinha importando apenas carne industrializada, liberou embarques no início de 2010, ano do campeonato mundial de futebol, do qual foi país-sede. A Rússia fixou a cota de importação em 530 mil t para 2010, isto é, 18% a mais que no ano anterior (CBR, 2009). Estas expectativas tendem a ser consolidadas com

a recuperação da economia mundial. São mercados importantes para as exportações brasileiras de carne bovina e que estão sendo reconquistados à medida que a questão sanitária do rebanho vai sendo equacionada.

Buainain e Batalha (2007) relatam que, historicamente, o crescimento demográfico e a renda têm influência no consumo de alimentos. Os autores citam um estudo da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) que projeta para o período 2006-2014 uma taxa média de crescimento mundial populacional de 1,1% (ou seja, menor que 1,7% observada na década de 1980). Contudo, na composição deste valor médio, a população dos países em desenvolvimento terá um crescimento maior que a dos países economicamente desenvolvidos, apontando a África como o continente com as mais altas taxas de crescimento populacional.

Quanto à renda *per capita*, haverá crescimento em vários países, podendo contribuir para a demanda de produtos de maior valor agregado. Um fato atribuído ao crescimento econômico é o aumento dos embarques de carne brasileira para o Oriente Médio no primeiro trimestre de 2010. Esta é uma região em que a economia poderá crescer cerca de 3% por causa da demanda e dos aumentos do preço do petróleo projetados para 2010 (ABIEC, 2010a). Estima-se que os países em desenvolvimento terão um crescimento econômico de 5,1% ao ano, em média. Outras informações sinalizam que a produção e o consumo de carne bovina devem crescer com maior destaque nos países não membros da OCDE, elegendo o Brasil e a Argentina como os mais importantes fornecedores mundiais de carne bovina no período 2004-2013.

Estudos realizados pelo MAPA para o período 2009/2010 a 2019/2020 projetam um crescimento anual de 2,15% para a produção, 1,9% para o consumo interno e de 3,9% para as exportações de carne bovina. Em milhões de toneladas, a produção passaria de 8,0 para 9,9, o consumo interno de 6,3 a 7,9 e as exportações de 2,1 para 3,1. A expansão prevista pelo estudo deverá manter a liderança do Brasil, estabelecendo uma relação exportação/comércio mundial de 42,7% para a carne bovina (BRASIL, 2009).

Todavia, a concretização das expectativas vai depender também de novos acontecimentos, como os que advêm das negociações comerciais. No âmbito multilateral tem havido dificuldades, principalmente, em razão da sensibili-

dade do setor agrícola. Porém, inúmeros acordos internacionais entre países formando blocos regionais foram feitos desde o início da década de 1990, totalizando cerca de 300 deles até o ano de 2005 (WAQUIL; ALVIM, 2006). Atualmente, o Brasil vem se empenhando em buscar novos acordos com a Área de Livre Comércio das Américas (ALCA), União Europeia (UE), Estados Unidos, China, Índia, Japão, Rússia e a ampliação do MERCOSUL, seja a partir deste ou de iniciativas individuais (RUBIN; ILHA; WAQUIL, 2008). Uma decisão politicamente importante do governo brasileiro para tentar reduzir os entraves foi a nomeação de adidos agrícolas, que serão integrados a oito embaixadas localizadas em mercados-chaves (FREITAS, 2010).

Em 2010, uma iniciativa promissora foi a realização de um protocolo comercial entre Brasil e China para a exportação de carne bovina termoprocessada, cabendo ao governo brasileiro a responsabilidade pelo monitoramento de resíduos, a adoção de sistemas de prevenção e controle de doenças e a garantia das áreas livres de aftosa, dentre outros compromissos (BRASIL, 2009). O evento poderá contribuir para o aprofundamento das relações bilaterais e, futuramente, ampliar as exportações de carne bovina *in natura* para este país, cujas remessas ainda são pequenas.

Para minimizar os prejuízos com os embargos externos, os maiores frigoríficos brasileiros optaram pela realização de incorporações, fusões ou aquisições no País e no exterior, buscando uma estratégia de globalização. A iniciativa foi favorecida pela crise econômica mundial (surtida em 2008) e pelo fortalecimento da moeda nacional frente ao dólar. Assim sendo, as grandes empresas brasileiras poderão exportar para outros mercados a partir do território dos seus principais concorrentes, tais como Estados Unidos, Austrália e Argentina. Porém, trata-se de uma questão de negócio somente para as empresas envolvidas e não do agronegócio brasileiro como um todo, pois o acesso da carne brasileira para o exterior ainda continua sob restrições. Aos frigoríficos de pequeno a médio porte há a opção de aumentar a escala de produção por meio de associações com os atuais concorrentes e adicionar competências ao conjunto. Por sinal, é uma estratégia bem vista pelos importadores, que, por razões de mercado, não querem uma concentração de fornecedores.

6 - COMENTÁRIOS FINAIS

O desempenho das exportações brasileiras de carne bovina vai depender, sobretudo, de alguns acontecimentos futuros. O principal deles será o comportamento do mercado internacional que, no momento, aponta para uma estagna-

ção ou ligeira queda de consumo, possivelmente por causa da alta dos preços do produto. Internamente, o País deverá persistir nas ações para melhorar o controle sanitário do rebanho e aperfeiçoar o sistema de rastreabilidade.

LITERATURA CITADA

ANUÁRIO DA PECUÁRIA BRASILEIRA - **ANUALPEC, 2009**. São Paulo: AgraFNP, 2009, 360p.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA EXPORTADORA DE CARNES - ABIEC. **Produção mundial de carne bovina**. Disponível em: <http://www.abiec.com.br/download/stat_mercadomundial.pdf>. Acesso em: ago. 2010a.

_____. **Exportação por ano**. Disponível em: <http://www.abiec.com.br/41_exportacao_ano.asp>. Acesso em: ago. 2010b.

_____. **Exportação de carne bovina do Brasil**. Disponível em: <<http://www.abiec.com.br/download/EXP%20JAN-DEZ%2009.pdf>>. Acesso em: ago. 2010c.

BENDER FILHO, R.; ALVIN, A. M. O mercado de carne bovina no Brasil: os efeitos da eliminação das barreiras tarifárias e não-tarifárias. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v. 46, n. 4, p.1095-1127, dez. 2008.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Brasil: programa nacional de erradicação e prevenção da febre aftosa**. Brasília: Departamento de Saúde Animal, jul. 2009. (Relatório Anual). Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/images/MAPA/arquivos_portal/Relatorio_PNEFA_2008_final.pdf>. Acesso em: maio 2010.

_____. **Instrução Normativa n. 24**, de 30 de abril de 2008. Altera a Instrução Normativa n. 17, de 13 de julho de 2006. **Diário Oficial da União**. Brasília, 2 maio 2008.

BUAINAIN, A. M.; BATALHA, M. **Cadeia produtiva de carne bovina**. Brasília: MAPA, 2007. 86 p. (Série Agronegócios, 8).

CAMARA BRASIL-RÚSSIA DE COMÉRCIO, INDÚSTRIA E TURISMO - CBR. Notícias do mês. Rio de Janeiro, nov./dez. 2009. Disponível em: <http://www.brasil-russia.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=78:novembro-dezembro-2009&catid=44:noticias-do-mes&Itemid=55>. Acesso em: jul. 2010.

FREITAS, T. Com adidos, setor de carnes espera reduzir barreiras. **Agência Estado**. Disponível em: <<http://portalexame.abril.com.br/carreira/noticias/adidos-setor-carnes-espera-reduzir-barreiras-542784.html>>. Acesso em: 23 mar. 2010.

GONÇALVES, J. R.; ALMEIDA, G. S. Brazilian beef exports and its main markets: a brief analysis. **Fleischwirtschaft International**, Frankfurt, Germany. n. 4, p. 8-10, Nov. 2003.

_____.; TEODORO, L. F.; CASTRO, L. F. **Perspectivas e desafios para as exportações brasileiras de carne bovina**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE ALIMENTOS, 29., Recife-PE, 2004. **Anais...** Campinas: SBCTA, 2004.

LIMA, V. M. B. et al. Entendendo o passado, planejando o futuro. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 45., Londrina, 2007. **Anais...** Brasília: SOBER, 2007. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/6/495.pdf>>. Acesso em: maio 2010.

NASSAR, A. M. **Produtos da agroindústria de exportação brasileira: uma análise das barreiras tarifárias impostas**

por Estados Unidos e União Européia. 2004. 206 p. Tese (Doutorado em Economia) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

RODRIGUES, L. C.; NANTES, J. F. D. Rastreabilidade na cadeia produtiva da carne bovina: situação atual, dificuldades e perspectivas para o Brasil. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 40, n. 6, jun. 2010.

RUBIN, L. S.; ILHA, A. S.; WAQUIL, P. D. O comércio potencial brasileiro de carne bovina no contexto de integração regional. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Piracicaba, v. 46, p. 1067-1094, out./dez. 2008.

SILVA, R. O. P.; SATO, G. S. A fragilidade do modelo de rastreabilidade da carne bovina brasileira. **Análises e Indicadores do Agronegócio**, São Paulo, v. 3, n. 6, jun. 2008. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out/verTexto.php?codTexto=9317>>. Acesso em: maio 2010.

WAQUIL, P. D.; ALVIM, A. M. Acordos comerciais e o setor produtivo de carne bovina: estimativas de ganhos para o Mercosul. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 44., Fortaleza, 2006. **Anais...** Brasília: SOBER, 2006. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/5/82.pdf>>. Acesso em: 2010.

DESAFIOS PARA AS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE CARNE BOVINA

RESUMO: Foi analisado o comportamento das exportações brasileiras de carne bovina e de seus principais mercados nos anos de 2007 a 2009. Houve, em 2008, queda generalizada causada, principalmente, pela crise econômica dos países desenvolvidos, que utilizaram seus estoques e reduziram as importações. Há sinais de recuperação em 2009 a partir de mercados emergentes como a Argélia, Egito, Hong Kong e Irã. Futuramente, o desempenho desta atividade dependerá do comportamento do mercado internacional, ora apontando para uma estagnação ou ligeira queda de consumo. Internamente, o País deverá persistir nas ações para melhorar o controle sanitário do rebanho e aperfeiçoar o sistema de rastreabilidade.

Palavras-chave: carne bovina-produção, principais mercados, exportações-desempenho, panorama futuro.

CHALLENGES FACING BRAZILIAN BEEF EXPORTS

ABSTRACT: This article analyzed the behavior of Brazilian beef exports and main markets over the period 2007-2009. The impact of the 2008 financial crisis on developed countries led them to use their meat stocks and curb imports, resulting in a substantial decrease in Brazil's export volumes. However, emerging markets such as Algeria, Egypt, Hong Kong and Iran contributed to a recovery trend in Brazilian exports in 2009. In the future, the performance Brazilian beef exports will depend on the behavior of the international market, now pointing to a stable or slightly declining consumption rate. Meanwhile, Brazil will persist in its attempts to improve livestock sanitation and its traceability system.

Key-words: beef production, main markets, exports performance, exports outlook.

Recebido em 24/08/2010. Liberado para publicação em 27/09/2010.